



O Camponês

- ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES



"O Camponês" deve ser lido por todos os camponeses. Depois de o lerem dá-o a outro. Os que sabem ler devem lê-lo àqueles que não sabem.

ABAIXO O PACTO DO ATLÂNTICO! QUEREMOS PAZ, PÃO E TRABALHO!

O fascismo salazarista colocou Lisboa à disposição dos fomentadores de guerra do agressivo Pacto do Atlântico, que preparam a toda a pressa uma nova guerra de agressão contra a Humanidade.

Apoiando os planos de guerra dos imperialistas norte-americanos e ingleses, a camarilha salazarista levará ao nosso povo e em particular às massas camponesas, uma maior miséria, maior desemprego e, o que é pior ainda, porá em perigo a vida e a segurança de milhões de portugueses.

No ano de 1952 serão gastos no rearmamento e preparativos de guerra, sómente através dos ministérios da

cada pelo Partido Comunista Português - por toda a sua política de exploração, opressão e de guerra tem traído os sagrados interesses da Pátria para servir os de um punhado de multimilionários nacionais e estrangeiros."

O povo português, as massas camponesas, repudiam os compromissos de guerra assumidos

pela camarilha salazarista. Os camponeses querem a terra revolvida pelas enxadas e charruas, querem a terra regada com a água dos nossos rios e NÃO querem a terra revolvida com bombas e tanques e regada com o sangue dos camponeses, das suas mulheres e filhos.

Fora com os preparativos de guerra! Queremos Paz, Pão, Trabalho e Melhores Jornas, tal é o grito patriótico que deve percorrer os campos do Alentejo, Ribatejo e Algarve. As 100 mil assinaturas recolhidas para o Apêlo de Estocolmo, que exige a proibição das armas atômicas; as milhares de assinaturas para um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, que, no Alentejo, já ultrapassou mil assinaturas, as inscrições nas paredes, muros e estradas por todo o País; as centenas de milhares de manifestos, targetas e outros documentos, todos em defesa da Paz (→ pág.2)

APÊLO PARA UM PACTO DE PAZ ENTRE AS 5 GRANDES POTÊNCIAS

Correspondendo às aspirações de milhões de pessoas do mundo inteiro, qualquer que seja a sua opinião sobre as causas que originam o perigo duma nova guerra mundial, com o objetivo de garantir a Paz e salvaguardar a segurança internacional.

Reivindicamos a conclusão dum Pacto de Paz entre as cinco grandes potências - Estados Unidos, U.R.S.S., República Popular da China, Inglaterra e França,

Examinaremos a recusa do governo de qualquer das grandes Potências a uma reunião para a conclusão desse Pacto de Paz como um testemunho de desígnios agressivos.

Exortamos todos os países que amam a Paz a apoiar esta reivindicação para concluir um Pacto de Paz, que deve estar aberto a todos os países.

Assinamos este Apêlo e exortamos a assiná-lo todas as pessoas de boa vontade e todas as organizações que desejam a consolidação da Paz.

Transcreve este Apêlo para uma folha de papel, assina-o e faz assina-lo a toda a gente. Os que não sabem escrever devem assinar de cruz. Cada assinatura é uma contribuição para a defesa da Paz, para a defesa da Vida.

Guerra da Marinha, mais de 1 milhão e 600 mil contos. Esta verba astronômica daria para construir 3 centrais agrícolas à do Castelo de Bode, permitiria regar e electrificar todas as terras do Alentejo ou daria quasi 8 contos a cada habitante do distrito de Évora.

"O governo de Salazar - como é dito no manifesto publi-

VIVA O 1º DE MAIO - DIA DOS TRABALHADORES

O 1º de Maio é o dia da jornada internacional dos trabalhadores de todo o Mundo, o dia em que as massas trabalhadoras dão um balanço às suas conquistas e às suas mais recentes reivindicações e aspirações. É o dia da fraternidade e do internacionalismo proletário, um dia de grandes jornadas na luta pela Paz, pelo Pão e pela Democracia, dia do reforçamento da força invencível da unidade e aliança da classe operária e camponesa.

Na gloriosa União Soviética, pátria dos trabalhadores e baluarte invencível da Paz e do socialismo, na China e nos países das Democracias Populares, o dia 1º de Maio será assinalado com novas e grandes vitórias na edificação do comunismo e do socialismo, vitórias que levarão às massas (→ pág.2)

2- ABAIXO O PACTO DO ATLÂNTICO !
QUEREMOS PAZ, PÃO E TRABALHO !

(continuação da Pág. 1)

e contra o Pacto do Atlântico, são a melhor prova em como o povo português não se dispõe a ser "carne de canhão" e luta activamente em defesa da causa da Paz.

Nós, camponeses, só ganharemos com a PAZ.

Nós, camponeses, lutando pela PAZ, lutamos pelas nossas vidas, pelas vidas dos nossos filhos, lutamos por trabalho e pão, por maiores jornas...

Nós, camponeses, devemos intensificar a recolha de assinaturas para um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Nós, camponeses, devemos formar Comissões e Grupos de luta em defesa da Paz, que percorram todas as aldeias, vilas, herdades e casas camponesas, recolhendo assinaturas, promovendo inscrições e unindo e organizando as massas camponesas na luta pela PAZ.

VIVA O 1º DE MAIO - DIA DOS TRABALHADORES !

(continuação da pág. 1)

trabalhadoras a melhoria das suas condições materiais e culturais.

No nosso país, as massas camponesas deverão comemorar o dia 1º de Maio reforçando a luta e a unidade entre todos os camponeses, reforçando a aliança com os nossos irmãos operários, na luta pela conquista da PAZ, pela conquista da terra, por pão e trabalho, por melhores jornas, pela conquista da Liberdade.

Enquanto milhares de camponeses se encontram sem pão e sem trabalho, sem possuírem um único pedaço de terra, os grandes agrários e parasitas tudo possuem. Por exemplo o grande agrário fascista José Nunes Mexia, governador civil de Évora, deve receber este ano, só em cortiça, cerca de 10 mil contos.

Façamos pois do 1º de Maio uma jornada de luta, reforçando a nossa unidade e intensificando a luta em defesa da Paz e contra o Pacto do Atlântico, recolhendo assinaturas para um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências; lutando por maiores jornas; lutando por uma reforma agrária que dê a terra aos que nela trabalham; reforçando a aliança e a unidade com a heróica classe operária; lutando pela Amnistia e pelo derrubamento da camarilha governante de traidores à Pátria.

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS

Exijamos a libertação de Alvaro Cunhal, Francisco Miguel, António Dias Lourenço e outros patriotas desde há muito presos às ordens da PIDE.

Exijamos a libertação do Prof. Rui Luiz Gomes, Eng.ª Virginia de Moura, Dr. José Morgado e operário Albertino de Macêdo, membros da Comissão Central do Movimento Nacional Democrático (M.N.D.) e da Comissão Nacional de Defesa da Paz, presos por terem protestado contra a reunião do Pacto do Atlântico e por exigirem uma política de Paz.

QUANDO NÃO HÁ TRABALHO NEM PÃO SO HÁ UM CAMINHO: A UNIDADE E A LUTA!

(continuação da pág. 3)

Alguns camponeses, esquecendo-se destas experiências, dizem: "não tenho trabalho, vou roubar". Este caminho não é justo. Ele conduz à quebra da unidade e combatividade dos camponeses, castra a luta e facilita a repressão da GNR e da PIDE. Por outro lado a falta de trabalho continuará a existir, não só o problema não é resolvido como fica ainda mais agravado.

Na verdade não é a luta individual mas sim a luta colectiva que resolverá a crise, o desemprego e a miséria.

Por isso só há um caminho justo, caminho que os camponeses conhecem e através do qual conquistaram grandes e grandes vitórias: é o caminho da unidade e da luta.

Onde houver camponeses sem trabalho, estes devem concentrar-se junto das Casas do Povo, Câmaras "municipais, nas herdades dos agrários, junto das autoridades, levando com eles as suas mulheres e filhos e daí não saírem sem conseguirem trabalho ou pão.

Se os fascistas e agrários não resolverem a crise de trabalho, há que fazer concentrações nas "Praças de Jornas" e aí organizar marchas de fome, desfaldando a bandeira negra da fome. E se, depois de esgotadas todas estas formas de luta, continuam sem trabalho, então sim, mas só então, "há que ir buscar comer onde êle houver", organizando caçadas e outras formas de luta. Mas isso só deverá ser feito em massa, juntando homens, mulheres e crianças, mobilizando todos os camponeses sem trabalho e mesmo os que o têm, para apoiarem a luta.

A unidade e a luta são as maiores armas dos camponeses.

Só utilizando-as, isto é, só unindo-nos e lutando, os fascistas e agrários serão obrigados a tomarem medidas, a abrirem trabalhos e a utilizar o dinheiro do povo em benefício do povo e não para o rearmamento e para a guerra.

INIMIGOS DO POVO

José Marreiros Mendonça (Faria), actualmente chefe da secção de finanças em Aljustrel, e

Bernardino (Fernando), comerciante de Ermidas, são dois miseráveis traidores ao serviço da PIDE.

A traição destes canalhas e inimigos do povo não será esquecida, Desmascaramos em toda a parte, levando todo o povo a odiá-los e escorraça-los.



LUTAS E VITÓRIAS DOS CAMPONESES UNIDADE - GARANTIA DA VITÓRIA

Na herdade do Sobral (Montemor-o-Novo) um rancho de esgalhadores que ganhavam 18\$00 uniram-se e, todos juntos, forçaram o patrão a aumentar as jornas para 19\$00.

Nesta mesma herdade o patrão queria forçar os camponeses a beberem a água dum poço, que estava podre e cheia de bichos, porque, dizia êle, saía caro ir buscar longe água boa. Perante isto a totalidade do rancho (26 camponeses) recusou-se a beber água pôdre e o agrário não teve outro reméδιο senão mandar buscar água boa.

Ainda nesta herdade o patrão procurou enganar os camponeses, fazendo-os trabalhar de empreitada. Porém a firmeza e a unidade dos camponeses também fez fracassar as manobras dêste senhor.

Em Val Dasna (S. Romão) 14 esgalhadores e tiradores de cortiça estavam a ganhar 17\$00. Uniram-se e pediram aumento de jorna, passando a ganhar 18\$00.

Quatro lutas e quatro vitórias. E isto porque os camponeses se uniram e lutaram.

Também na herdade do Castelo e numa outra, da região de S. Romão, os camponeses pediram o aumento da jorna de 18\$00 para 20\$00. Ambos os agrários não cederam, mas isso foi devido à falta de unidade e firmeza. Se os camponeses tivessem continuado a luta reforçando a sua unidade e diminuindo o ritmo de trabalho, fazendo "cêra", esgalhando menos árvores, os agrários teriam sido forçados a aumentar a jorna.

CAMPONESES: Os agrários podem e têm de pagar mais. Intensificai a vossa luta por melhores jornas. Reforçai a vossa unidade e criai Comissões de Praça, comissões de rancho, comissões de jornas que encabeçem e orientem a luta por melhores jornas.

lectividades serão eliminadas, acabando com os impostos e descontos de toda a ordem a que o fascismo as submete e não a aumentar o custo da jóia e da cota.

Em Pias a direcção fascista da colectividade local promoveu uma Assembleia Geral, tentando aumentar o custo da jóia e da cota, o que significaria privar os camponeses pobres da sua colectividade.

Nas duas sessões havidas, concentraram-se na colectividade 300 pessoas, e cerca de outras 300 estavam fora, na rua. Os fascistas procuraram fechar as janelas para impedir que as 300 pessoas que estavam na rua ouvissem o que se dizia, no que foram impedidos pela assistência.

Enquanto os fascistas falavam ninguém batia palmas. Falavam os camponeses e rompiam grandes ovações. Na votação realizada apenas a direcção fascista e mais um único sócio votaram a favor do aumento da jóia e da cota. Todos os outros votaram contra.

Dado que a Direcção procurou saltar por cima da resolução da Assembleia, uma Comissão elaborou duas exposições dirigidas ao Governador Civil, o que forçou a Direcção e os fascistas a acatarem nos seus desígnios.

Foi pois uma vitória das massas camponesas em luta aberta com os fascistas, vitória que só foi alcançada devido à unidade e à luta. Porém a vitória só será total se prosseguirem na luta, elegendo uma nova Direcção com gente honrada e fazendo fracassar as tentativas de terror fascista que ameaçam encerrar a colectividade.

As dificuldades financeiras das co-

QUANDO NÃO HÁ TRABALHO NEM PÃO SÓ HÁ UM CAMINHO:

A UNIDADE E A LUTA

Ao longo do Alentejo há milhares de camponeses assalariados sem trabalho. Outros milhares trabalham uma semana e estão duas ou três sem trabalho. Isto significa que centenas de famílias, que milhares de homens, mulheres e crianças, vivem na mais negra miséria, sofrem a fome e privações de toda a espécie.

Os camponeses não têm trabalho porque o salazarismo desbarata o dinheiro roubado ao povo em preparativos de guerra, no rearmamento e na repressão contra as massas trabalhadoras. Os camponeses não têm trabalho porque o govêrno compra aos grandes fazendeiros e americanos milhares e milhares de toneladas de trigo, cevada, milho e centeio. Os camponeses não têm trabalho porque a terra não pertence aos que nela trabalham, porque os grandes agrários fascistas mantêm milhares e milhares de hectares de terra inculta e estéril.

Perante a fome e a miséria que lavram nos lares camponeses só há duas alternativas: os camponeses lutam unidos como um só, ou então morrem lentamente de fome assim como as suas mulheres e filhos.

Pela sua própria experiência os valentes camponeses do Alentejo e Ribatejo sabem que nos anos anteriores, nas épocas de crise, quando lutavam unidos em grandes concentrações, em marchas de fome e outras formas de luta, o fascismo e os grandes agrários foram obrigados a tomar medidas. Pela luta e só pela luta, os camponeses forçaram-os a abrir trabalhos, a construir e reparar caminhos e estradas. A luta unida, organizada e massiva levou os camponeses à vitória e à conquista de trabalho e pão. (pág. 2)

CAMPONESES!



UNIDOS NA LUTA POR MELHORES JORNAS NAS CEIFAS DÊSTE ANO

Há cinco anos, em Maio de 1947, saiu o primeiro número de "O CAMPONÊS", jornal de Unidade dos camponeses do Sul. Esse número de "O CAMPONÊS" publicou um caderno de reivindicações dos camponeses alentejanos para as ceifas. As jornas e horário de trabalho exigidos (no caderno de reivindicações) eram os seguintes:

Homens : a sêco 50\$00 ; com comida 40\$00

Mulheres: a sêco 32\$00 ; com comida 26\$00

Horário de trabalho: Enregar com uma hora de sol; três horas e meia de descanso e cinco ou seis fumaças, aguadas ou cigarros durante o dia; um quartel ao sábado e outro à segunda feira, com o salário por inteiro e sem prejuízo das horas de descanso, como já é de uso em muitas terras.

Este caderno foi recebido com entusiasmo por todos os camponeses alentejanos, que se dispuseram a lutar pela sua conquista. "O CAMPONÊS", que mostrava aos trabalhadores do campo o justo caminho para a defesa dos seus interesses, passou a ser o jornal querido dos camponeses que o liam atentamente e seguiam as suas palavras de ordem. Nas ceifas dêsse ano, os camponeses alentejanos, ampliando o exemplo dos anos anteriores, unidos entre si e unidos aos camponeses de fora, lutaram firmemente pelas jornas do caderno de reivindicações apresentado pelo "CAMPONÊS". Mais de 40 mil camponeses tomaram parte nas lutas da época das ceifas em todo o Alentejo. Unidos à volta das suas Comissões de Unidade, os camponeses recusaram-se a aceitar jornas de fome e condições de trabalho escravo e fizeram greve, forçando os patrões a pagar boas jornas. Em Foros da Branca, S. Torcato, Cortiçadas e Almada, onde as jornas nunca passavam de 20\$00 e 25\$00 nos anos melhores, os camponeses, lutando, conquistaram nesse ano 45\$00. Na Aldeia Nova, em Aljustrel e em muitas outras terras do Alentejo onde se lutou, as jornas variaram de 30\$00, 35\$00 e 40\$00!

Alarmados pelas vitoriosas lutas dos camponeses alentejanos, os agrários fascistas e o govêrno fascista de Salazar desencadearam uma onda de repressão no Alentejo. Os fascistas perseguiram furiosamente o nosso jornal, mas "O CAMPONÊS" continuou a aparecer regularmente. E nas ceifas de 1948 e 1949, os camponeses alentejanos, seguindo a justa orientação dada pelo seu jornal, conquistaram novas e grandes vitórias.

A partir de meados de 1949, a feroz repressão do fascismo salazarista tornou impossível a saída regular de "O CAMPONÊS" e dificultou a organização da luta dos camponeses alentejanos por melhores jornas e melhores condições de trabalho, com grande contentamento dos agrários fascistas e do govêrno fascista de Salazar por poderem continuar a exploração desenfreada e a imposição de trabalho escravo.

Mas hoje, vencendo todas as dificuldades, "O CAMPONÊS" aparece de novo para unir e orientar os camponeses alentejanos na luta por melhores salários e condições de vida, na luta pelo Pão, pela PAZ e pela Democracia.

NESTE NÚMERO DE "O CAMPONÊS" VOLTAMOS A APRESENTAR PARA APROVAÇÃO DOS CAMPONESES ALLENTEJANOS O MESMO CADERNO DE REIVINDICAÇÕES. O CASO DA VIDA NÃO DIMINUIU, PELO CONTRÁRIO. LOGO AS JORNAS DAS CEIFAS NÃO DEVEM SER, PELO MENOS, MAIS BAIXAS QUE EM 1947. OS MILHÕES DE CONTOS GASTOS PELO SALAZARISMO PARA PREPARATIVOS DE GUERRA DEVEM SER EMPREGADOS EM MELHORES SALÁRIOS E JORNAS E EM BENFEITORIAS PARA O POVO. NÓS, OS CAMPONESES, LUTANDO POR MELHORES JORNAS, LUTAMOS PELO PÃO E CONTRA A GUERRA.

Todos, camponeses e camponesas, devemos unir-nos e lutar com firmeza pela conquista destas justas reivindicações para a época das ceifas. Nós, alentejanos, devemos procurar a unidade com os ceifeiros de fora, que também são explorados e oprimidos e, falando com eles, devemos convencê-los a exigir dos agrários as reivindicações do nosso caderno. Para que as lutas sejam vitoriosas é preciso a maior unidade entre todos! Em cada aldeia ou vila os camponeses devem eleger ou nomear a sua Comissão de Unidade e de Praça e apoiá-la com firmeza, acompanhando-a a toda a parte para a conquista de trabalho e de boas jornas. Cada rancho deve ter também a sua Comissão de Rancho para defender a letra do contracto estabelecido. Na luta contra a exploração devemos estar em guarda contra as empreitadas através das quais os agrários exploram os camponeses. O nosso dever é negar-nos a trabalhar de empreitada e exigir a boa jorna.

Se o trabalho nas ceifas fôr escasso, devemos fazer concentrações indo às casas dos lavradores, junto das autoridades e nas Casas do Povo, exigindo trabalho e jorna suficiente para matar a fome aos nossos filhos.

Lutando unidos conseguimos já grandes vitórias. Se êste ano lutarmos unidos e com firmeza obrigaremos os exploradores fascistas a recuar e conseguiremos novas e grandes vitórias!